

# Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

## **Preconceito homofóbico: posicionamento de adolescentes frente à homofobia no ambiente escolar**

## **Homophobic prejudice: adolescents' attitude towards homophobia in the school environment**

## **Prejuicios homófobos: la postura de los adolescentes ante la homofobia en el entorno escolar**

Matheus Elias dos Santos<sup>1</sup>, Angela Ketlyn de Brito Souza<sup>2</sup> & Renata Pimentel da Silva<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Uninassau. E-mail: [matheuselias549@gmail.com](mailto:matheuselias549@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2728-1992>

<sup>2</sup> Uninassau. E-mail: [angela.ketlyn@hotmail.com](mailto:angela.ketlyn@hotmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4446-7708>

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [renata\\_pimentels@hotmail.com](mailto:renata_pimentels@hotmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2236-7340>

## RESUMO

Este artigo objetivou compreender o posicionamento de adolescentes frente aos casos de homofobia no ambiente escolar. Foi realizado um estudo com 85 alunos do ensino médio de escolas públicas da cidade de Campina Grande/Paraíba. Como instrumento foram aplicados um questionário sociodemográfico, uma vinheta com uma situação de homofobia e questões para avaliar a concordância frente à situação e sua justificativa. Os dados foram analisados nos softwares SPSS-20 e *Iramuteq*. Os resultados indicam uma maior concordância com a demonstração de carinho por parte dos alunos, embora as justificativas manifestem que os comportamentos afetivos retratados não são aceitos para o ambiente escolar.

## PALAVRAS-CHAVE:

Preconceito homofóbico; Expressão; Contexto escolar.

## ABSTRACT

This article aimed to understand the positioning of adolescents in the face of cases of homophobia in the school environment. A study was conducted with 85 high school students from public schools in the city of Campina Grande, Paraíba, Brazil. As instruments, we administered a sociodemographic questionnaire, a vignette depicting a homophobic situation, and questions to evaluate agreement with the situation and its justification. Data were analyzed using SPSS-20 and *Iramuteq* software. The results indicate a higher agreement with the display of affection by the students, although justifications reveal that the portrayed affective behaviors are not accepted for the school environment.

## KEYWORDS:

Homophobic prejudice; Expression; School context.

## RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo comprender el posicionamiento de los adolescentes frente a los casos de homofobia en el ambiente escolar. Se realizó un estudio con 85 alumnos de secundaria de escuelas públicas en la ciudad de Campina Grande/Paraíba. Como instrumento se aplicaron un cuestionario sociodemográfico, una viñeta con una situación homofóbica y preguntas para evaluar el acuerdo frente a la situación y su justificación. Los datos fueron analizados utilizando los softwares SPSS-20 y *Iramuteq*. Los resultados indican un mayor acuerdo con la demostración de afecto por parte de los alumnos, aunque las justificaciones manifiestan que las conductas afectivas retratadas no son aceptadas en el ambiente escolar.

## PALABRAS CLAVE:

Prejuicio homófobo; Expresión; Contexto escolar.

*Informações do Artigo:*

*Matheus Elias dos Santos*

[matheuselias549@gmail.com](mailto:matheuselias549@gmail.com)

*Recebido em: 13/03/2023*

*Aceito em: 20/07/2023*

Segundo relatório do Grupo Gay da Bahia (Oliveira & Mott, 2022), no ano de 2021, ocorreram 300 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+<sup>4</sup> no Brasil, sendo 276 homicídios e 24 suicídios, com destaque para a região Nordeste que registrou a maior taxa de mortes por região brasileira. A Bahia foi o Estado nordestino com maior número de ocorrências registradas (32 mortes); na Paraíba foram totalizadas seis mortes. Esses resultados mostram um aumento de

<sup>4</sup> Nesse estudo, foi designado pelos autores o uso da sigla LGBTQIA+, que faz referência às Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais e o sinal “+”, que representa as variadas possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero existentes. O uso dessa sigla segue os órgãos e documentos oficiais referentes a essa população, como a Secretaria Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+.

casos quando comparados com os dados do ano anterior, que totalizou 237 mortes. Os dados do relatório representam uma estimativa de casos, visto que ocorre uma subnotificação, por falta de comprovação da real motivação para os atos criminosos, estando relacionada à orientação sexual e identidade de gênero.

O posicionamento do Superior Tribunal Federal, ao equiparar a homofobia à Lei n. 7716 (1989), que trata o racismo como crime, foi uma conquista recente na luta pela criminalização da homofobia no Brasil, mas que ainda não abarca de forma completa a estrutura complexa de discriminação existente. Sendo assim, a criminalização da homofobia se ampara ao art. 20 da Lei n. 7716 (1989), o qual considera crime “praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”.

A discriminação contra orientações, identidades e expressões de gênero, que destoam dos padrões heteronormativos, é um problema social e envolve aspectos individuais, culturais, políticos e institucionais (Souza et al., 2015), posto que padronizar comportamentos impossibilita o respeito à pluralidade, viola os direitos humanos básicos e seu gozo (Almeida et al., 2016). Deste modo, pessoas que não seguem a heteronormatividade, acabam sendo marginalizadas, colocadas na posição de anormais, desviantes de normas (Graupe & Lins, 2018; Rondini et al., 2017; Silva & Leite, 2016).

Em uma pesquisa realizada com adolescentes homossexuais do interior do Estado de São Paulo, Natarelli et al. (2015), evidenciaram que a escola foi titulada como um dos ambientes onde mais se propagam a vivência de discriminação homofóbica, assim como, no ambiente familiar e na comunidade. Ao se tratar da homofobia no ambiente escolar, coloca-se em pauta uma temática emergente e atual, considerando as consequências dos atos preconceituosos para o desenvolvimento físico, mental e social dos jovens (Albuquerque & Williams, 2015; Rondini, et al., 2017; Vieira et al., 2018).

Acerca dessa lógica, pesquisas demonstram que estudantes que são expostos a atos de discriminação devido à orientação sexual ou identidade de gênero apresentam sintomas associados, como depressão, ansiedade, isolamento, baixa autoestima, maior probabilidade de ideações e tentativas de suicídio, abuso de álcool e outras drogas, e práticas sexuais inseguras (Albuquerque & Williams, 2015; Vieira et al., 2018). Nessa mesma direção, Almeida e colaboradores (2016) também apontam consequências no contexto da aprendizagem, destacando o baixo rendimento dos alunos, desinteresse pelas atividades escolares, faltas sem justificativas e evasão escolar.

Em um estudo de revisão sistemática de literatura, Santos e Cerqueira-Santos (2020) apontam os modos como a homofobia tem sido incorporada e reforçada nas instituições de ensino. Os artigos analisados evidenciam a existência da homofobia no âmbito educacional, estando atrelado às representações negativas acerca das pessoas não heterossexuais.

Frente a um problema complexo e envolto de tabus, o silenciamento do preconceito que os alunos vivenciam na escola, reforça o estigma e omissão da sociedade para com estes indivíduos, abre espaço para manutenção e banalização dos atos de discriminação e exclusão (Marcon et al., 2016). Desse modo, não se permite o questionamento de tais atitudes, e a ausência da reflexão promove o preconceito em suas múltiplas nuances (Souza et al., 2015).

Ao se discutir a adequação correta do uso de um termo que ampare as características de discriminações contra pessoas LGBTQIA+, encontram-se divergências. Costa e Nardi (2015) sugerem que, embora o termo homofobia esteja presente e consolidado na linguagem popular e científica, este termo reforça a colocação inadequada de considerar patológico uma prática que é cultural e política.

Borrillo (2010) pontua que, apesar de historicamente o termo ser atrelado a uma rejeição irracional em relação a gays e lésbicas, a homofobia é um meio de inferiorização na tentativa de enquadrar negativamente o sujeito que destoa da ordem social, nesse caso, da heterossexualidade. Por isso é comparado às outras formas de violência, como racismo e xenofobia; não se limita à constatação de uma diferença na forma de vivência da sexualidade, mas se constitui como um sistema que exclui direitos, humilha e inferioriza quem não segue o padrão de sexualidade aceito e apoiado por determinada cultura, em uma determinada sociedade.

Corroborando tal perspectiva, Welzer-Lang (2001) destaca a homofobia atrelada à lógica heterocêntrica, que retrata as práticas homofóbicas vinculadas à dominação do homem na sociedade e a todos os benefícios que o tornar-se homem oferece. Nesse sentido, ser homem, na conjuntura social, é ser hierarquicamente superior a todos que não se adequam aos padrões, isto é, que adotam as configurações sexuais “naturais”. Logo, para o autor, a homofobia seria “a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero” (p. 465).

Considerando o exposto até aqui, esta pesquisa foi realizada através da vertente da psicologia social que traz o entendimento da homofobia como um preconceito, se constituindo de forma multifatorial, relacionando aspectos individuais e construções sociais que serão abordados logo abaixo.

### **Teoria do Preconceito em Interface com a Homofobia**

Ao conceituar o preconceito, Allport (1962) o define como sendo uma atitude hostil ou de evitação para com pessoas apenas por sua pertença a um determinado grupo. Segundo o autor, é na necessidade de pertença grupal, da qual decorre a separação entre o grupo de pertença (endogrupos) e o demais grupos (exogrupos), que caracterizam a origem do

---

preconceito. Entretanto, o autor considera um equívoco limitar os estudos de preconceito a um único fator causal, por sua complexidade.

O preconceito é estruturado por meio de atitudes negativas, que demonstram a expressão da avaliação do indivíduo frente às situações, pessoas ou grupos, influenciado por componentes cognitivos, afetivos e comportamentais. Outrossim, ele também se estrutura por meio de crenças, que determinam uma avaliação individual ou coletiva, quando associam características comuns a todos os componentes do grupo, constituído através das experiências pessoais e sociais (Allport, 1962; Costa & Nardi, 2015; Krüger, 2004; Lima, 2020; Manuel et al., 2015; Rodrigues et al., 2015).

As crenças podem ser exemplificadas por meio dos estereótipos, referente ao aspecto cognitivo de base negativa, que focam em características consideradas irregulares e que provocam algum incômodo, sendo compartilhadas pelos componentes do exogrupo (Costa & Nardi, 2015; Krüger, 2004; Lima, 2020; Pérez-Nebra & Jesus, 2011; Rodrigues et al., 2015). Os estereótipos seguem o princípio denominado por Allport (1962) como lei do menor esforço, o que facilita o entendimento e simplifica a visão sobre os indivíduos e as situações (Rodrigues et al., 2015). Techio (2011) aponta que as atitudes são produzidas através da inserção social dos indivíduos, e passam a guiar interpretações e justificar condutas grupais.

Nesse sentido, os indivíduos tendem a generalizar características, por meio das crenças, e apresentar posicionamentos hostis, por meio das atitudes, pois são processos naturais das suas capacidades mentais. Sob essa ótica, os grupos se mantêm separados por conveniência e valorização de princípios, o que pode ocasionar o distanciamento grupal, fortalecendo a percepção de distinções grupais, sem aprofundamento de conhecimentos, e subjugando o grupo de não pertença, o que gera conflitos (Allport, 1962; Fernandes & Pereira, 2018; Tajfel, 1984).

De acordo com Allport (1962), o endogrupo ao categorizar o exogrupo, caracterizam as bases do preconceito, os quais organizam pensamentos, emoções, comportamentos e distanciam as relações dos membros com outros grupos, adotando posicionamentos de rejeição, evitação, fundamentados em estereótipos, e desvalorizando os indivíduos devido a generalizações ou simplificação de características.

Na perspectiva da teoria da identidade social, é por decorrência do processo de categorização social que buscamos alcançar a distintividade positiva, valorização das características do endogrupo, favorecendo a autoimagem positiva e o que coloca o exogrupo em posição de prejuízo. Dessa forma, categorias sociais exigem menos esforços de adaptação às características grupais diferentes, e ainda, atribuem diferenças grupais quando não existem, pois facilitam percepções para condutas, vinculadas aos modos de ver e julgar (Allport, 1962; Tajfel, 1984; Vala & Costa-Lopes, 2016).

Segundo Lima e Vala (2004), as pressões sociais para uma política mais igualitária entre os indivíduos, faz com que as pessoas passem do preconceito mais diretivo e agressivo, para uma forma mais velada. Os autores Gato et al. (2011) caracterizam o preconceito flagrante como a forma mais tradicional da expressão preconceituosa, expressada de maneira mais direta, fácil de ser percebida, e envolve a violência mais explícita. A forma mais velada de preconceito se enquadra nas novas formas de expressão do preconceito, a qual se identifica como preconceito sutil, apresentando-se de forma mais discreta, camuflado em comportamentos naturalizados no dia a dia (Lima & Vala, 2004).

De acordo com Salles e Silva (2008), a violência apresentada de forma camuflada, velada, passa despercebida e até impune, devido à dificuldade de identificá-la no cotidiano. Este modelo aceita a política do não preconceito, embora não consiga internalizar a norma da igualdade social (Lima & Vala, 2004), posto que grupos não protegidos por leis sofrem com as violências preconceituosas de forma mais intensa (Pereira et al., 2011).

Os estudos que se debruçam sobre as diversas formas de manifestação do preconceito não se restringem ao âmbito das questões raciais. Nessa direção, estudos acerca do preconceito contra a diversidade sexual estão sendo desenvolvidos (Hessel, 2021; Moretti-Pires et al, 2019; Santos & Cerqueira-Santos, 2020), assim como medidas validadas para avaliá-los no Brasil. É o caso da Escala de Atitudes Frente à Homossexualidade, adaptada pelos autores Ramos e Cerqueira-Santos (2021) que mede o preconceito extremo a partir de atitudes distais, que reconhece a homossexualidade como grupo social, inserido na sociedade; e de atitudes proximais, vinculado às relações sexuais e vida íntima dos indivíduos. Outra medida desenvolvida foi a Escala de Homonegatividade Moderna, proposta pelos autores Lima et al. (2019), capaz de avaliar os comportamentos negativos contra pessoas homossexuais.

Este estudo se debruça sobre a temática da discriminação e preconceito homofóbico, assunto urgente e de sérios impactos sociais, que se traduzem em consequências persistentes na saúde física e mental de adolescentes não-heteronormativos. Assim, esta pesquisa objetiva compreender o posicionamento de adolescentes frente aos casos de homofobia no ambiente escolar.

## **Método**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória de abordagem quantitativa e qualitativa. A técnica de amostragem utilizada foi não probabilística, por conveniência.

## Participantes

Participaram 85 estudantes do ensino médio de escolas públicas. A média de idade foi 16,8 anos (*Min.* = 15,0, *Max.* = 1,0, *DP* = 1,0). Referente ao ano escolar dos participantes, 23,5% corresponderam ao 1º ano, 34,1% referente ao 2º ano e 42,4% ao 3º ano. Com relação à identidade de gênero dos adolescentes, 54,1% se identificaram como mulher cis, 41,2% como homem cis, 1,2% como não-binário, 1,2% dos participantes preferiram não informar e 2,4% se identificam com outras possibilidades de identidade de gênero, não havendo a participação de mulheres e homens trans nesta coleta. Salienta-se que foram realizadas tentativas para inclusão de alunos de escolas particulares, e apenas uma escola deu sua autorização. No entanto, em decorrência da discrepância do número de participantes (escolas públicas: *n* = 85; escola privada: *n* = 5), optou-se por excluir os alunos de escolas privadas.

## Instrumentos

Como instrumento de pesquisa foi utilizado um questionário online, contendo questões objetivas e subjetivas. O questionário sociodemográfico coletou informações como: idade, identidade de gênero, ano escolar, entre outros, para traçar o perfil dos participantes. Também foi utilizada uma vinheta relatando uma situação hipotética em que dois alunos homossexuais (Jorge e Lucas) trocavam carícias no intervalo da escola, e são interpelados pela professora, que apresenta uma prática homofóbica. Após a vinheta eram apresentadas duas questões objetivas, em formato *Likert* variando de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente), referentes à concordância com a postura dos alunos e da professora. Em seguida, eram solicitados para justificar seu posicionamento em relação à atitude dos personagens.

---

**Procedimentos de Coleta de Dados.** Para realizar a coleta, o link da pesquisa foi disponibilizado nos grupos do *Whatsapp* de pais e alunos, das escolas contatadas. Considerando que a pesquisa tinha uma parte da amostra constituída por adolescentes, os pais ou responsáveis foram solicitados a autorizar sua participação através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ao todo, foram obtidas 98 respostas, mas foram excluídas 13 por não se enquadrarem nos critérios de inclusão (estar matriculado(a) em escola de Campina Grande; ter idade mínima de 15 anos).

**Procedimentos de Análise de Dados.** A análise dos dados quantitativos foi realizada através do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS-20), com análises descritivas e de frequência. A análise da questão aberta foi realizada através do software *Iramuteq* (Interface de R), utilizado na elaboração estatística de produtos textuais da análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

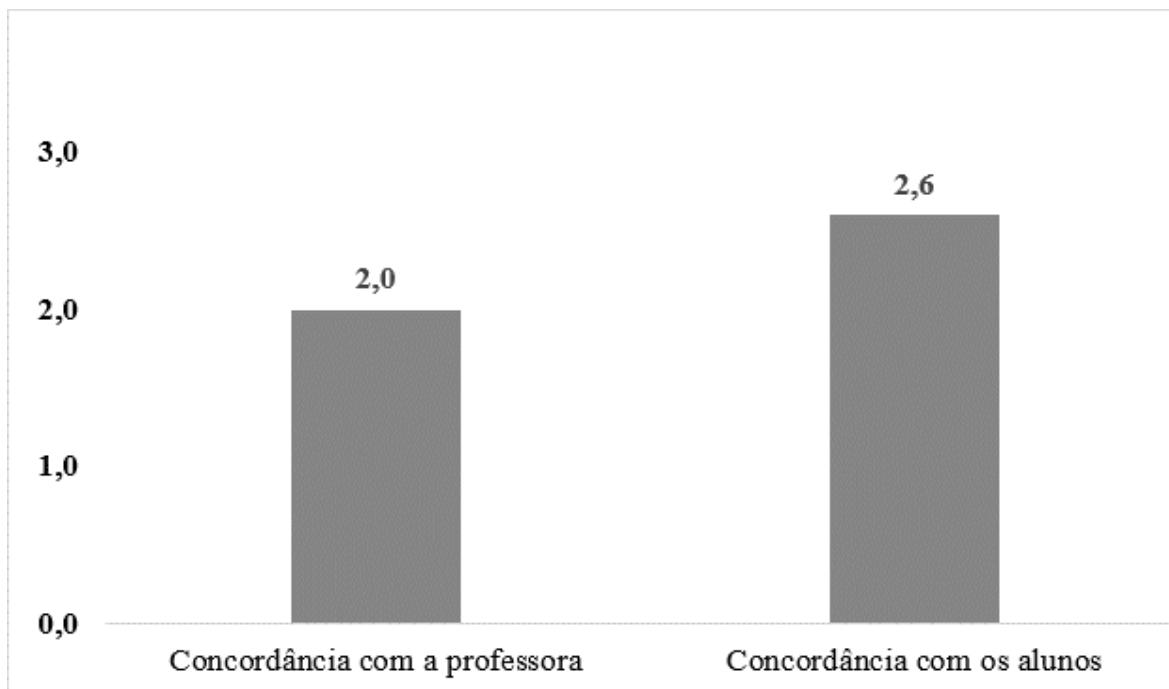
### **Considerações Éticas**

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento, sob o parecer nº 4.270.331 e CAAE nº 35716020.4.0000.5175, foi iniciada a coleta de dados, levando em consideração os aspectos éticos que regulamentam a pesquisa no Brasil, preconizados pela Resolução 466/12 e a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Foram preservados os direitos de voluntariado, de possibilidade de recusa a responder qualquer pergunta de desistência a qualquer momento sem implicações para ele, além da garantia ao anonimato e sigilo de informações.

## Resultados e Discussão

Inicialmente os participantes tiveram acesso à vinheta relatando uma situação de preconceito homofóbico no ambiente escolar, no qual os participantes deveriam expor se concordavam com a atitude de demonstração de carinho entre dois adolescentes homossexuais, assim como com a atitude de repreensão por parte da professora. Os resultados indicam que a média ( $M_e$ ) de concordância dos participantes com a demonstração de carinho foi de 2,6 ( $DP = 1,0$ ) e a concordância com a professora foi 2,0 ( $DP = 1,2$ ), indicando que os participantes demonstram ser mais favoráveis ao comportamento dos alunos ( $t(84) = 2,46, p < 0,05$ ) (Figura 1).

Na pesquisa foram verificados se a concordância com as atitudes dos personagens variava mediante a idade e ano dos participantes. Através do teste de correlação de Pearson, não foi encontrada correlação entre a idade dos participantes ( $r = -0,09, p = 0,39$ ), e o ano do aluno ( $r = -0,13, p = 0,23$ ) com a atitude da professora. Também não foi encontrada correlação entre a concordância com a atitude dos alunos e a idade ( $r = -0,17, p = 0,11$ ) e ano do aluno ( $r = -0,09, p = 0,39$ ). Também foi verificado se haveria diferença entre homens e mulheres na avaliação da situação. O resultado de um teste indicou não haver diferença na concordância com a atitude da professora ( $t(79) = -1,19, p = 0,24$ ) e dos alunos ( $t(79) = -1,21, p = 0,23$ ) baseado no sexo dos participantes.

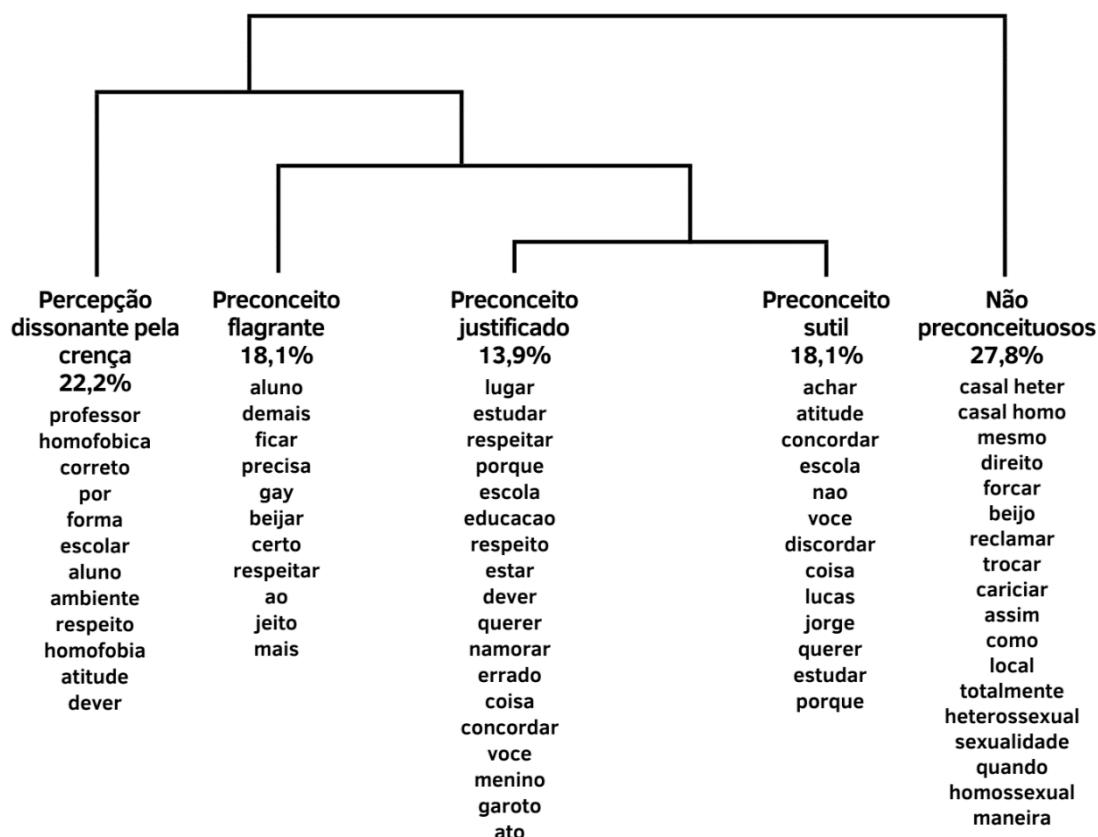
**Figura 1***Concordância dos Participantes com Atitude dos Personagens*

A seguir será apresentada a análise correspondente à justificativa das perguntas de concordância com a atitude dos personagens, realizada através de uma Classificação Hierárquica Descendente, no software *Iramuteq*.

A análise da CHD apresentou um total de 1971 ocorrências, com 517 formas distintas. Foi possível analisar 85 corpora de texto, 92 segmentos de textos (ST), totalizando 78,26% dos segmentos, gerando cinco classes distintas que representam os relatos dos participantes. Para uma melhor visualização das classes foi feito um dendrograma, contendo a lista de palavras de cada classe gerada, apresentando o vocabulário semelhante entre si, e diferente das outras classes, representado na Figura 2.

**Figura 2**

*Classificação Hierárquica Descendente (CHD) – Justificativa da Avaliação da Atitude da Professora*



A classe 1, nomeada preconceito justificado, compreende 18,1% ( $f = 13$  ST) do corpus total analisado. Essa classe é composta por palavras como: “achar” ( $\chi^2 = 13,81$ ), “atitude” ( $\chi^2 = 8,47$ ), “concordar” ( $\chi^2 = 8,47$ ), “escola” ( $\chi^2 = 5,43$ ), “não” ( $\chi^2 = 5,29$ ), “discordar” ( $\chi^2 = 5,0$ ). Notou-se que nos relatos dessa classe foi significativa a discordância parcial com os alunos ( $\chi^2 = 3,79$ ,  $p = 0,05$ ); e marginalmente significativa com a concordância total com a atitude da professora ( $\chi^2 = 3,66$ ,  $p = 0,06$ ).

Nesta classe, foi possível verificar que as respostas predominantes dos alunos mostram um posicionamento contrário à atitude dos personagens da vinheta, Lucas e Jorge, afirmando que escola não é lugar para troca de carícias, e ainda uma concordância total da atitude da professora, certificando que o posicionamento e atitude da mesma foi correta, podendo ser melhor explicado no relato do sujeito 37, o qual justifica que: “eu concordo que a escola não é um local para ficar de namorinho e outras coisas, não importa quem seja”. E pela fala do sujeito 85, que se nega a intervenção como caso de homofobia: “a professora está correta. não acho que foi caso de homofobia, mas uma questão de respeito pelo ambiente e alunos”.

A classe 2, nomeada preconceito velado, compreende 13,9% ( $f= 10$  ST) do corpus total analisado. Ela é composta por palavras como: “lugar” ( $\chi^2 = 20,8$ ), “estudar” ( $\chi^2 = 15,24$ ), “respeitar” ( $\chi^2 = 12,13$ ), “escola” ( $\chi^2 = 9,29$ ), “educação” ( $\chi^2 = 7,29$ ), “respeito” ( $\chi^2 = 6,92$ ). Esta classe está relacionada aos alunos do primeiro ano escolar ( $\chi^2 = 6,75, p = 0,05$ ) e a discordância parcial com Jorge e Lucas ( $\chi^2 = 3,87, p = 0,01$ ).

A classe 2 está associada a classe 1, pois pode-se observar que os posicionamentos contrários sobre a atitude dos personagens da vinheta se repetem, apresentando a ideia de que os dois estão errados ao trocar carícias na escola, velando uma prática preconceituosa, através da afirmação de que escola não é lugar para estas atitudes. Este relato aparece claramente na justificativa do sujeito 31: “todos nós temos a liberdade de demonstrar quem somos em qualquer lugar, mas o respeito e a compreensão têm que existir em lugares que podem afetar pessoas”. Outro discurso inserido nessa classe foi “seria melhor se eles tivessem feito isso onde não tivesse ninguém da gestão ou professor”. Essa classe se diferencia da classe 1 pela ausência da concordância com a atitude da professora, mas trazem em comum a ideia da não demonstração de carinho por parte dos alunos.

As classes “preconceito justificado” e “preconceito sutil”, fazem referência ao conceito apresentado por Lima e Vala (2004), os quais trazem considerações de que o preconceito tem se expressado de formas menos diretivas e de difícil percepção, influenciado por pressões sociais para um maior respeito e igualdade. Assim como fazem referência ao conceito de discriminação justificada, que elenca o processo de discriminação como sendo motivada mediante a presença de fatores percebidos como não preconceituosos (Pereira & Vala, 2010). No caso em questão, o fator justificador é o ambiente escolar.

A classe 3, nomeada não preconceituosos, compreende 27,8% ( $f = 20$  ST) do corpus total analisado. Sendo esta classe composta por palavras como: “casal heterossexual” ( $\chi^2 = 45,19$ ), “casal homossexual” ( $\chi^2 = 23,4$ ), “mesmo” ( $\chi^2 = 16,1$ ), “direito” ( $\chi^2 = 13,97$ ), “beijo” ( $\chi^2 = 11,01$ ), “reclamar” ( $\chi^2 = 11,01$ ), “trocar” ( $\chi^2 = 10,07$ ), “cariciar” ( $\chi^2 = 8,14$ ). Tem predominância significativa de concordância total com o comportamento dos alunos ( $\chi^2 = 12,36$ ,  $p = 0,00$ ), e discordância total com a professora ( $\chi^2 = 8,2$ ,  $p = 0,00$ ).

Nesta classe, as justificativas trazem a indagação de que talvez se a situação estivesse ocorrendo com um casal heterossexual, a professora não teria tido a mesma atitude discriminatória, levantando questões sobre o posicionamento homofóbico da professora frente à situação descrita. Na fala do sujeito 72, é perceptível esse questionamento, o qual relata: “cada um tem sua vida, cada um cuida da sua vida, e se a pessoa é heterossexual ou não é problema de cada um, do mesmo jeito que as escolas aceitam beijos de um casal heterossexual, por que não de casal homossexual? Homofobia é ridículo”, e ainda, está presente na justificativa do sujeito 30, que relata: “se fosse um casal heterossexual a professora não teria essa atitude”.

A classe 4, nomeada de preconceito flagrante, compreende 18,1% ( $f=13$  ST) do corpus total do texto. É composta por palavras como: “aluno” ( $\chi^2 = 25,0$ ), “demais” ( $\chi^2 = 19,22$ ), “ficar” ( $\chi^2 = 15,79$ ), “precisar” ( $\chi^2 = 5,0$ ), “gay” ( $\chi^2 = 5,0$ ), “beijar” ( $\chi^2 = 4,84$ ), “certo” ( $\chi^2 = 4,51$ ). Com predominância significativa da concordância total com a professora ( $\chi^2 = 3,66$ ,  $p=0,05$ ), e discordância total com os alunos ( $\chi^2 = 5,43$ ,  $p = 0,01$ ).

Nesta classe, a ação da professora é justificada pela atitude dos alunos, posto que os participantes deixam claro que não concordam com a atitude de Jorge e Lucas, e concordam com a atitude da professora, que é demonstrado pelo sujeito 83, ao considerar: “não concordo que gays devam ficar tendo estes comportamentos inadequados em público e na minha frente, professora teve atitude profissional”, e pelo sujeito 16: “escola não é pra ficar desse jeito, ainda ter dois homens se beijando. não é certo”.

A atitude e o discurso da professora descritos na vinheta, assim como o discurso do sujeito 83, demonstram comportamentos inflexíveis diante de práticas afetivas que fogem da heteronormatividade, e podem servir de discurso justificador para expressões flagrantes do preconceito. Esse tipo de preconceito, expresso abertamente, se relaciona às formas mais violentas de expressão das atitudes. Estas manifestações podem se apresentar por meio de ataques físicos e discriminação, causando inúmeros danos e prejuízos (Allport, 1962).

Por fim, a classe 5 – percepção dissonante pela crença religiosa – compreende 22,2% ( $f=16$  ST) do corpus total analisado. Esta classe é composta por palavras como: “professor” ( $\chi^2 = 22,05$ ), “homofóbica” ( $\chi^2 = 14,14$ ), “correto” ( $\chi^2 = 10,96$ ), “pôr” ( $\chi^2 = 10,86$ ), “forma” ( $\chi^2 = 4,44$ ).

Esta classe está em concordância com a justificativa de que a professora está correta em separar os alunos, mas reitera que ela agiu de forma homofóbica. Pode ser explicado pela fala do sujeito 84, que diz: “eu não tenho preconceito com quem é homossexual, porém na minha percepção e pela minha religião não acho correto, mas todas as pessoas merecem respeito e a professora está errada em fazer esse tipo de comentário”. O sujeito 12, que justifica: “realmente não é um local para fazer aquilo, mas a professora foi homofóbica”. E ainda, deixa em evidência uma questão de cunho religioso, sobre os relacionamentos que destoam das normas heterossexuais.

Na classe preconceito manifesto, é demonstrado que os princípios de cunho religioso são reguladores de normas. Santos et al. (2017) verificaram em seu estudo que as vivências que não seguem os padrões heteronormativos são vistos como imorais e pecaminosos. Da mesma forma, Mesquita e Perucchi (2016) discorrem que a religião tem influência na visão negativa sobre as vivências homossexuais, se baseando em senso comuns que fortalecem estereótipos negativos.

Alguns termos inadequados foram apresentados na vinheta de forma proposital, como “homossexualismo” e “opção”, a fim de aproximar a estória à realidade social. Percebe-se que, apesar dos alunos retratarem justificativas que discordam com a prática homofóbica da professora, ainda fazem uso destes termos. Exemplificado pela justificativa do sujeito 70, que afirma “. . . hoje os alunos têm o direito de ficar com quem quiser, independente da opção sexual”, possibilitando indagar que, o uso destes termos pode estar relacionado à falta de informações sobre estas inadequações.

É comum verificar o uso de termos pejorativos que são utilizados para identificar pessoas LGBTQIA+ e suas vivências, como “viado”, “fresco”, “sapatão”, e tantos outros. A justificativa do sujeito 54 exemplifica este sentido, quando relata “é muita viadagem, professora correta”. Estes termos são naturalizados e reforçados constantemente, e como citam Castro et al. (2004), são comuns nos casos de preconceito e violência contra pessoas homossexuais, apresentando uma visão negativa, com o intuito de ofender, discriminar e humilhar.

### **Considerações Finais**

A presente pesquisa teve como objetivo compreender o posicionamento de adolescentes frente aos casos de homofobia no ambiente escolar. Dessa forma, é possível afirmar que o objetivo geral da pesquisa foi alcançado, uma vez que foi possível compreender, através dos relatos de cada participante, seus posicionamentos ao se deparar com um caso de homofobia.

Nos resultados alcançados com o estudo, foi visualizado que as justificativas enquadradas nas classes “preconceito sutil” e “preconceito velado”, utilizam-se de explicações de que a escola não seria um lugar adequado para trocas afetivas de casais homossexuais. Esta é uma característica pertinente nos casos que há uma tentativa de demonstrar não ter posicionamentos preconceituosos, mas sim uma visão de manter a ordem e respeito no ambiente. O que implica considerar que o preconceito tem se mostrado cada vez menos diretivo devido à norma social que rege o cotidiano das instituições.

Entretanto, vale salientar que, os casos de preconceito homofóbico apresentados anteriormente, podem ter consequências tão negativas quanto os casos de preconceito “flagrante” e “manifesto”, os quais se apresentam de formas distintas, mas que são demarcados por atitudes e pensamentos reforçados por crenças estigmatizadas, fazendo com que sejam fortalecidos os estereótipos negativos e a violência contra pessoas LGBTQIA+.

Entre as limitações do estudo, foi solicitado o auxílio dos gestores escolares para intermediar o contato dos pesquisadores com responsáveis e adolescentes. Houve uma maior abertura dos gestores de escolas públicas para participação da pesquisa, mas apenas uma escola particular permitiu a realização do estudo. No entanto, devido à discrepância do número de participantes de escolas públicas e privadas, optou-se por excluir os estudantes de escolas privadas. Por tratar-se de um estudo com temática de abordagem delicada, ainda vista por um viés negativo e como tabu social, houve dificuldade de aceitação por parte de alguns pais para aceitar a participação dos adolescentes. Outra limitação percebida foi não ter sido questionada a orientação sexual dos participantes, dado que poderia contribuir para um melhor entendimento dos dados analisados.

Os resultados elencados remetem-nos a contatação da necessidade de discutir temáticas relativas à diversidade sexual no âmbito escolar, por tratar-se de uma temática urgente e de sérios impactos sociais, que se traduzem em consequências persistentes aos adolescentes que sofrem com a discriminação e preconceito homofóbico no ambiente escolar. Ao trabalhar o entendimento e posicionamento dos alunos frente a estas questões, essa pesquisa auxilia a compreensão do fenômeno em suas manifestações mais sutis, demarcado por atitudes e pensamentos reforçados por crenças estigmatizadas. Através de estudos que seguem esta perspectiva, as políticas públicas que garantem proteção destas pessoas podem ser reformuladas e desenvolvidas. As estratégias a serem adotadas devem ter início no próprio processo de formação dos professores, assim como perpassar as relações sociais em diversos âmbitos, como a família.

---

Portanto, faz-se necessário a produção de estudos que deem oportunidade aos adolescentes vítimas do preconceito homofóbico a expor suas concepções e experiências, de modo que aproximam o tema à realidade vivida por adolescentes LGBTQIA+ no ambiente escolar e contribuam em intervenções mais assertivas, com participação de todos os atores do ambiente escolar.

## Referências

- Albuquerque, P. P., & Williams, L. C. A. (2015). Homofobia na escola: Relatos de universitários sobre as piores experiências. *Temas em Psicologia*, 23(3), 663-676. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-11>
- Allport, G. W. (1962). *La naturaleza del prejuicio*. Editorial Universitaria de Buenos Aires.
- Almeida, H. R. A., Maia, L. M., & Chaves, H. V. (2016). Homofobia na Escola: Algumas posições assumidas por instituições de Psicologia no Brasil. *Psicologia Política*, 16(35), 71-85. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v16n35/v16n35a05.pdf>
- Borrillo, D. (2010). *Homofobia. História e crítica de um preconceito* (G. J. F. Teixeira, Trad.). Autêntica Editora.
- Castro, M. G., Abramovay, M., & Silva, L. B. (2004). *Juventude e sexualidade*. UNESCO Brasil.
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: Debate conceitual. *Temas em Psicologia*, 23(3), 715-726. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-15>
- Fernandes, S. C. S., & Pereira, M. E. (2018). Endogrupo versus exogrupo: O papel da identidade social nas relações intergrupais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 18(1), 30-49. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v18n1/v18n1a03.pdf>
- Gato, J., Carneiro, N. S., & Fontaine A. M. (2011). Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*, 1(1), 139-167. <http://www.seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/12542>
- Graupe, M. E., & Lins, C. T. L. (2018). Gênero e diversidade sexual: Homofobia no contexto escolar. *Revista Educação*, 43(1), 141-156. <https://doi.org/10.5902/1984644427530>

Hessel, B. R. C. C. B. (2021). *Um estudo experimental sobre preconceito de gênero, empatia e culpabilização da vítima de violência sexual*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]. Repositório institucional UFBA.  
<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33175>

Krüger, H. (2004). Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas*. (pp. 23-40). EDUFBA.

Lei n.º 7716 de 5 de janeiro de 1989. (1989). *Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor*. Diário Oficial da União, Brasília.  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm)

Lima, K., Tenório, J. M. V., Romário, F., Melo, L. M. F. & Andrade, J. M. (2019). Evidence of validity of a modern homonegativity measure against gays and lesbians. *Psico-USF*, 24(4), 673-684. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712019240406>

Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 401-411. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>

Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia social do preconceito e do racismo*. Blucher Open Access.

Manuel, D. F. F. P., Silva, M. S., & Oliveira, R. F. T. (2015). A origem do preconceito. *Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá*, 6(1), 01-03.  
<http://revista.fepi.br/revista/index.php/revista/article/view/260/147>

Marcon, A. N., Prudêncio, L. E. V., & Gesser, M. (2016). Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(2), 291-301.  
<https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0202968>

- Mesquita, D. T., & Perucchi, J. (2016). Não apenas em nome de deus: Discursos religiosos sobre homossexualidade. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 105-114. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p105>
- Moretti-Pires, R. O., Guadagnin, L. I., Tesser-Júnior, Z. C., Campos, D. A. D., & Turatti, B. O. (2019). Preconceito contra diversidade sexual e de gênero entre estudantes de medicina de 1º ao 8º semestre de um curso da Região Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43(1 Supl. 1), 557-567. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190076>
- Natarelli, T. R. P., Braga, I. F., Oliveira, W. A., & Silva, M. A. I. (2015). O impacto da homofobia na saúde do adolescente. *Escola Anna Nery*, 19(4), 664-670. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150089>
- Oliveira, J. M. D., & Mott, L. (2022). *Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2021: Relatório do grupo gay da Bahia*. Editora Grupo Gay da Bahia.
- Pereira, C. R., & Vala, J. (2010). Do preconceito à discriminação justificada. *Int. Mind\_Português*, 1(2-3), 01-13. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8934/1/ICs\\_CRPereira\\_JVala\\_Preconceito\\_ARN.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8934/1/ICs_CRPereira_JVala_Preconceito_ARN.pdf)
- Pereira, C. R., Torres, A. R. R., Pereira, A., & Falcão, L. C. (2011). Preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em seminaristas católicos e evangélicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(1), 73-82. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000100010>
- Pérez-Nebra, A. R., & Jesus, J. G. (2011). Preconceito, estereótipo e discriminação. In C. V. Torres, & E. R. Neiva (Orgs.). *Psicologia social: Principais temas e vertentes*. (pp. 219-237). Artmed.

- Ramos, M. M., & Cerqueira-Santos, E. (2021). Escala de Atitudes frente à Homossexualidade (ATHO): Construção e produção de evidências de validade. *Revista de Psicologia, 12*(1), 127-140. <https://doi.org/10.36517/revpsiufc.12.1.2021.10>
- Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 466 de 12 de dezembro de 2012. (2012). *Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasília. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Resolução do Conselho Nacional de Saúde n.º 510 de 07 de abril de 2016. (2016). *Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Brasília. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2015). *Psicologia social*. (32<sup>a</sup> ed). Vozes.
- Rondini, A. C., Texeira, F. S. T., Fo., & Toledo, L. G. (2017). Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. *Psicologia USP, 28*(1), 57-71. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140011>
- Salles, L. M. F., & Silva, J. M. A. P. (2008). Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. *Cadernos De Educação, 30*, 149-166. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1768/1643>
- Santos, J. J., & Cerqueira-Santos, E. (2020). Homofobia e escola: Uma revisão sistematizada da literatura. *Revista Subjetividades, 20*(Esp1), Artigo e8734, 01-14. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iEsp1.e8734>
- Santos, L. P., Neves, H. A., & Neves, R. A. (2017). Interferência das crenças religiosas no combate da homofobia na escola. *Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, 5*, 439-455. <http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/822>

- Silva, L. L. S., & Leite, F. F., Jr. (2016). Homofobia na escola: Problematizando gênero e sexualidade entre estudantes do ensino médio. *Cadernos de Gênero e Sexualidade*, 2(2), 30-37. <https://doi.org/10.9771/cgd.v2i2.16638>
- Souza, E. J., Silva, J. P., & Santos, C. (2015). Homofobia na escola: As representações de educadores/as. *Temas em Psicologia*, 23(3), 635-647. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-09>
- Tajfel, H. (1984). *Grupos humanos y categorías sociales*. Editorial Herder.
- Techio, E. M. (2011). Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. In E. M. Techio, & M. E. O. Lima (Orgs.) *Cultura e produção das diferenças: Estereótipos e preconceitos no Brasil, Espanha e Portugal*. (pp. 21-75). Technopolitik.
- Vala, J., & Costa-Lopes, R. (2016). Categorização e fatores ideológicos na dinâmica das relações intergrupais. In D. X. França & M. E. O. Lima (Orgs.) *Níveis de análise e formas de intervenção em psicologia social*. (pp. 43-73). Scortecci.
- Vieira, R. P., Gherardi, S. R. M., & Severo, M. F. S. W. (2018). Causas e consequências da homofobia na escola: Uma revisão bibliográfica. *Multi-Science Journal*, 1(10), 69-77. <https://doi.org/10.33837/msj.v1i10.381>
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: Dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, 9(2), 460-482. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>

## Apêndice

### **Relações Interpessoais Na Escola: Um Estudo Com Alunos Do Ensino Médio**

Prezado participante, esta pesquisa cumpre o requisito para conclusão do curso de Psicologia. As informações aqui prestadas são de caráter sigiloso e seus dados serão mantidos em anonimato. Por favor, leia atentamente cada instrução e responda as questões marcando a opção que mais se aproxima do que você pensa, sente ou se comporta.

**ATENÇÃO:** Nas próximas páginas serão apresentados os documentos necessários às pesquisas com seres humanos.

#### **Leia o texto abaixo e responda as questões a seguir:**

Lucas e Jorge, durante o intervalo das aulas, foram pegar o lanche que a escola oferecia diariamente. Na fila, enquanto esperavam, trocaram abraços e alguns beijos. Ao perceber a situação, uma de suas professoras imediatamente separou os dois alunos, advertindo que não aceitaria ver novamente esta postura dos meninos. Ao ser questionada, a professora disse: “escola não é um local para homossexualismo. Vocês podem escolher viver assim em outros lugares, aqui não”.

1) Você concorda com o comportamento de Lucas e Jorge na escola?

- (1) Discordo Totalmente
- (2) Discordo Parcialmente
- (3) Concordo parcialmente
- (4) Concordo Totalmente

2) O quanto você concorda com a atitude da professora?

- (1) Discordo Totalmente
- (2) Discordo Parcialmente
- (3) Concordo Parcialmente

- 
- (4) Concordo Totalmente
- 3) Justifique sua resposta em relação as questões anteriores:
- 4) Qual sua idade? (responda apenas com números)
- 5) Estudante de Instituição de Ensino:
- (1) Pública
- (2) Privada
- 6) Ano Escolar:
- (1) 1º Ano
- (2) 2º Ano
- (3) 3º Ano
- 7) Qual Sua Identidade de Gênero:
- (1) Mulher Cis (ao nascer você foi identificada pelo sexo feminino e se identifica como mulher).
- (2) Mulher Trans (ao nascer você foi identificada pelo sexo masculino e se identifica como mulher).
- (3) Homem Cis (ao nascer você foi identificado pelo sexo masculino e se identifica como homem).
- (4) Homem Trans (ao nascer você foi identificado pelo sexo feminino e se identifica como homem).
- (5) Não-Binário (você não se limita ao binário; não se identifica totalmente como mulher ou como homem).
- (6) Prefiro Não Informar.
- (7) Outro.